

De Braga a Roma - Relíquias no caminho de D. Frei Bartolomeu dos Mártires

1 - D. Frei Bartolomeu dos Mártires entrou em Braga em dia de S. Francisco de 1559 (4/10) para iniciar as suas funções como arcebispo da arquidiocese bracarense. No desempenho dessas funções evidenciou as qualidades intelectuais e morais que o elevaram à consideração e respeito no seio da igreja e da comunidade dos fiéis que lhe coube acompanhar. A preparação intelectual fora sendo alcançada e desenvolvida desde que, aos quinze anos, em 20 de Novembro de 1529, professou no convento de S. Domingos de Lisboa. Aí adquiriu sólida formação em Filosofia e, particularmente, em Teologia. Ficou, assim, com boas bases intelectuais e culturais para a acção pastoral que lhe coube exercer naquela conjuntura religiosa que marcou boa parte do século XVI. Mas a sua formação foi também enriquecida pela «educação dominicana» obtida naquele convento. Aí, ele fora educado «naquela escola espiritual, dentro de uma corrente rigorosa», conforme nos diz um distinto autor: «O convento cumpria morigeradamente a disciplina religiosa e os exercícios espirituais com certa inspiração savonaroliana, ali chegada através da disciplina do *Frate*»¹, favorecendo um «recogimiento» de timbre ibérico.

Estes sinais reveladores do contexto da espiritualidade portuguesa quinhentista que contribuíram para a formação de Frei Bartolomeu dos Mártires são complementados com outros que também assimilou e que sobressaem no seu percurso de vida e acção pastoral. Além do elemento savonaroliano caracterizado pelo rigorismo preconizado, também as «observâncias franciscana e dominicana, e, até certo ponto, a Companhia de Jesus nascente, com elas tão aparentada, contêm em si suficientes elementos de carácter renovador, de reforma interior, para constituírem o mais plausível e eficaz contexto da espiritualidade portuguesa da primeira metade de 500». E se aceitarmos que o «*Recogimiento* é a via maior da espiritualidade ibérica no século XVI, via que contava S. Bernardo entre os seus professores», e que Frei Bartolomeu dos Mártires se declarava «*devotíssimo* de S. Bernardo», encontramos nele

¹ D. Maurílio de GOUVEIA, *Um exemplo da visão personalista da pastoral*, in *Bracara Augusta*, vol. XLII, Nº 93, (1990), 159.

evidenciado mais um outro sinal da espiritualidade da sua época². A aceitação da acção dos jesuítas na sua diocese é testemunho do apreço pelas normas de Santo Inácio de Loiola para o fortalecimento da chamada contra-reforma, para além da influência que tiveram na sua própria formação espiritual. Foi por sua iniciativa que o Colégio de S. Paulo, na cidade de Braga, foi entregue à Companhia de Jesus, a fim de dar satisfação a projectos de formação da *clerezia* que já outros seus antecessores haviam procurado concretizar. A vinda a Braga de S. Francisco de Borja, comissário-geral da dita Companhia em Espanha, e de outros padres jesuítas, foi aproveitada pelo prelado para iniciar conversações sobre esse assunto. O dito comissário deu o apoio necessário para satisfazer as pretensões de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, deixando o Padre Inácio de Azevedo como seu procurador³. De notar que, já meses antes, um clérigo de missa da Companhia de Jesus havia sido ordenado por D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Seguem-se nos anos seguintes outras matrículas de ordens de clérigos da dita Companhia⁴.

Com estas bases na sua formação, não surpreende que tenha cultivado e desenvolvido as virtudes de pobreza e caridade e as qualidades de trabalho e de determinação⁵. Estes aspectos de formação moral acompanharam-no e projectaram-se no exercício das funções de pastor na arquidiocese. Neste desempenho ficaram ainda bem salientadas as suas preocupações quanto à necessidade e urgência de implementação das normas saídas do Concílio de Trento. De facto, o seu empenhamento no movimento da reforma católica ficou sobejamente demonstrado, quer no contributo notável para a construção dos decretos conciliares quer, depois, na sua aplicação na diocese de Braga⁶.

Os três aspectos que destacámos – qualidades intelectuais e morais e empenhamento reformador – e que marcaram o seu percurso de vida, vêem-se também projectados quando apreciamos as diversas informações que nos dão o itinerário que o levou a Trento para participar, juntamente com mais

² José Adriano de Freitas CARVALHO, *O Contexto da Espiritualidade Portuguesa no tempo de Fr. Bartolomeu dos Mártires, o. p.* in *Bracara Augusta* vol. XLII (1990), 108-109. No regresso a Trento da viagem que fizera a Roma, o Arcebispo, em conversa com algumas figuras ilustres do Concílio, e a propósito de um livro que estava compondo sobre a vida espiritual e contemplativa, declarou-se devotíssimo desse «grande Doutor Francez, S. Bernardo». O Cardeal de Lorena apreciou imenso esta declaração, até pela referência a uma ilustre figura da sua pátria (Frei Luís de SOUSA, *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Martyres da Ordem dos Pregadores Arcebispo e Senhor de Braga Primas das Espanhas*, Viana, 1619, 100/v).

³ A D B, *Registo Geral*, 258, n.º 4 (doc de 30-8-1560).

⁴ A D B, *Matrículas de Ordens*, cx. XII.

⁵ A inspiração em S. Francisco, «santo de quem também o Arcebispo era devotíssimo», é salientada por José Adriano de Freitas CARVALHO, art. cit. 129.

⁶ O seu zelo por esse movimento da Contra-Reforma manifestou-se também na influência que procurou exercer junto de Filipe II, com quem se encontrou no regresso do Concílio, para que este Rei as fizesse executar nos Reinos de Espanha.

seis portugueses, na última fase do Concílio, que tivera início cerca de vinte anos atrás, e que o trouxe de novo a Braga, bem como os itinerários complementares das visitas que efectuou, em intervalos dos trabalhos conciliares, a templos, conventos e outros lugares de culto ou devoção. Teria percorrido em todas essas deslocações cerca de novecentas e quarenta e três léguas.

Nas anotações que deixou ao registar todos esses itinerários que fez por terra (a pé, em cavalgaduras e até de coche, na jornada de Ferrara a Bolonha, quando se dirigia para Roma em Setembro de 1563), por rios, de Trento a Ferrara, e até por mar, num trajecto de uma légua na deslocação a Veneza e nas três jornadas de Génova a Mónaco, ficaram importantes retratos daquilo que admirava nas visitas que fazia, interessantes descrições geográficas, pertinentes informações de natureza administrativa e política dos lugares por onde passou, ou das regiões em que se inseriam e referências aos perigos que podiam surgir em alguns daqueles lugares ou nas suas proximidades.

Constata-se também a preferência dada ao alojamento em conventos da sua ordem sempre que tinha oportunidade de neles pernoitar. De salientar ainda a sua enorme preocupação e diligências feitas para não ser reconhecido como arcebispo com boas rendas, mas antes como um humilde frade em jornada para o Concílio. Quando muito, deixava que o julgassem como um mestre em Teologia que nele ia participar. Chegado «ao lugar em que havia de fazer noite, se tinha informação de que havia nele convento de S. Domingos ou S. Francisco», ia a pé com seu companheiro, o dominicano Frei Henrique de Távora, como pobres frades, «demandar o convento».

Procuraremos, com base no *Itinerarium Fratris Bartholomaei, Archiepiscopi Bracharensis, qui profectus est in Concilium Tridentinum, et egressus est Brachara 24 Martii, in Vigilia Annuntiationis, Anno 1561*, inserto nos *Estudos* apresentados por ocasião das Comemorações do *Quarto Centenário da Morte do Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, dados a lume no Boletim Cultural da Câmara Municipal de Braga – *Bracara Augusta*, vol XLII, nº 93 (1990), pp. 561-577 e, sobretudo, na *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires* escrita por Frei Luís de Sousa, destacar alguns dos momentos que, ao longo do itinerário percorrido, além de revelarem os aspectos acima apontados, evidenciam quer a devoção pelo culto das relíquias, do qual daremos conta à medida que seguimos os itinerários percorridos, quer mesmo a consolação que tinha em admirar o que com elas estivesse de algum modo relacionado ou fosse simplesmente testemunho de fé dos outros fiéis e contribuísse, outrossim, para propiciar uma maior aproximação a Deus. Desta devoção destacam-se as que ficaram patenteadas aquando da visita à «casa das penitentes» e às pinturas da conversão e penitência da «seráfica» Madalena, em Veneza; da contemplação dos corpos em prata que viu em Pádua quando acompanhou a procissão em honra de Santo António; a admiração pelas três dominicanas do mosteiro de

Santa Inês em Bolonha; e, em Roma, a devoção pelas indulgências alcançadas pelas visitas aos lugares pios e estações santas de Roma⁷.

2 - A 24 de Março de 1561, véspera de Nossa Senhora da Anunciação, saiu de Braga D. Frei Bartolomeu dos Mártires, em satisfação da Bula *Ad Ecclesiae regimem*, de 29 de Novembro, que convocava, de novo, o Concílio de Trento. Depois de percorrer trinta e três léguas em cinco jornadas e ter passado por Bragança, chegou a Alcanices, a três léguas da fronteira. Aqui pernitoou num mosteiro da ordem de S. Francisco. Nas duas etapas seguintes foram mosteiros dominicanos os que acolheram o arcebispo português – Zamora e Toro. Anónimo, alojou-se, fazendo-se passar por um pobre religioso que ia de passagem. Executou, assim, «este santo engano» de esconder a sua condição de ilustre figura da Igreja. Em Zamora viu «algumas memórias antigas de S. Vicente Ferrer, dominicano como ele; visitou o devoto crucifixo que estava na sala do capítulo e do qual saíra «aquela temerosa voz dita ao visitador que vinha visitar o convento, começando a fazer o primeiro capítulo da visitação: *Rege eos in virga ferrea*».

Terminava o mês de Março e estavam cumpridas oito jornadas.

Entrado o mês de Abril coube ao mosteiro de S. Bernardo, da localidade de Cabezon, alajar Frei Bartolomeu dos Mártires.

Seguidamente, nos conventos de S. Paulo de Palência e Burgos, da ordem de S. Domingos, se hospedaria o nosso Prelado. Em Palência, Frei Bartolomeu e o seu companheiro alojaram-se num convento dos primeiros daquela ordem em Espanha, e destinado «a uso de frades pobres». Mas, à chegada, tinham sido chamados à cela do prior, o qual lhes exigiu que exhibissem as «licenças de seus maiores» que os autorizassem a andar por reinos estranhos. Com receio do escândalo que podia resultar de se não identificar, D. Frei Bartolomeu deu-se a conhecer, não podendo desta vez satisfazer o seu desejo de, passando desconhecido, não ser objecto de atenções que preferia não viver. No convento de S. Paulo, em Burgos, parecia que iria conseguir os seus intentos, mas a chegada de um correio que procurava o arcebispo de Braga para lhe entregar uma carta de D. Sebastião, fê-los gorar. Foi «a desgraça de Burgos» pois, como tal, «a teve o Arcebispo»⁸. Queria com isso expressar o seu desconsolo por ter passado a ser tratado com mais mimos pelos responsáveis conventuais.

Vitória e S. Sebastian foram outras cidades de Espanha em que conventos da ordem de S. Domingos receberam muito bem o arcebispo na sua viagem para Trento. Eram conventos «muito observantes». Particularmente num deles foi recebido com seu companheiro «alegremente», e sem suspeita

⁷ *Vida*, 57/v, 58/v, 82 e 85/v.

⁸ *Vida*, 54.

sobre a sua identificação. Para a viagem o prior mandou dar-lhes pão e peixes⁹.

Seguiu depois a caminho de França aonde entrou por S. João de Luz a caminho de Bayona. Nesse país alojou-se em diversos conventos dominicanos começando por Bayona e S. Severim onde teve noites frias e mal ceadas. Pernoitou, por isso, a seu contento.

Passou depois por Aux e chegou a Tolosa, «lugar cheio de memórias gloriosas de nosso Padre S. Domingos», onde se encontrava o corpo «daquele seu grande filho» S. Tomás, o «Doutor Angelico». Visitou a igreja de S. Saturnino, o primeiro bispo da cidade, onde estavam os corpos de S. Barnabé e dos Apóstolos S. Filipe, Santiago, S. Tadeu «em grandes caixas de prata». Também lá estavam os do grande mártir S. Jorge e do abade S. Gil. Relíquias suficientes para que Tolosa fosse uma cidade ditosa. Mas muito mais o era pela «sagrada Coroa de Cristo» que nela se guardava¹⁰.

Partiu de Tolosa para a 27ª jornada, a caminho de Vila Franca, depois de celebrar missa no altar de S. Tomás. Daí seguiu depois viagem para nova jornada e chegou a Carcassona, «tão conhecida do tempo em que o Padre S. Domingos andava em campo contra os albigenses, com officio de Inquisidor-Geral»¹¹. Na jornada seguinte foi dormir a Capestamo, a duas léguas da cidade de Narbona. Não entrou nesta cidade «por estar desviada do caminho», diz-nos o *Itinerarium*.

Neste ponto da caminhada do arcebispo cabe fazer uma breve reflexão sobre informações divergentes contidas nas duas fontes que utilizámos: o *Itinerarium* e a *Vida*. Na primeira lê-se que D. Frei Bartolomeu dos Mártires pernoitou em Carcassona enquanto que na segunda se lê que apenas por aí passou: «não entrou no convento para não perder jornada e foi dormir a Capestamo, lugar desviado duas léguas da cidade de Narbona»¹². Ora, se de Vila Franca tivesse ido dormir a Capestamo, a numeração das jornadas que o *Itinerarium* nos apresenta conteria uma a mais. Também não devemos esquecer que o *Itinerarium* que se encontra publicado é «um apógrafo copiado, talvez em fins do séc. XVI, inícios do séc. XVII, por duas mãos»¹³. Poderia disso ter resultado algum erro do(s) copista(s). Quanto à *Vida*, esta versão poderia ter sido baseada numa outra anterior, provavelmente a original, do

⁹ O *Itinerarium Fratris Bartholomaei, Archiepiscopi Bracharensis...*, não identifica o mosteiro em que o prior deu aqueles alimentos para a jornada. O biógrafo também não o identifica mas suspeitava ter sido num destes dois.

¹⁰ *Vida*, 58/v.

¹¹ *Vida*, 59.

¹² *Vida*, 59.

¹³ Maria José Azevedo SANTOS, *Itinerarium Fratris Bartholomaei, Archiepiscopi Bracharensis (1561-1564)*, in *Actas do Congresso Internacional do IV Centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Fátima (1994), 311-339.

itinerário/apontamentos deixados escritos pelo próprio D. Frei Bartolomeu. No entanto é bem possível que a informação que nos dá o *Itinerarium* seja a correcta, já que as dezoito léguas de Vila Franca a Capestamo seria uma distância demasiado longa para ser realizada num só dia. Carcassone ficava precisamente a meio dessas duas localidades, o que tornava mais razoável terem sido feitas duas jornadas. A indicação contida na *Vida* poderá ter resultado de um lapso do biógrafo. Continuamos, até por isso, a usar a numeração contida no *Itinerarium*. O mesmo fizemos quanto à denominação das localidades constantes das jornadas efectuadas.

Em seguida passou à vila de Beziers, a S. Tiberi e foi dormir a Lupian. Chegou depois à cidade de Montpellier onde foi ver o mosteiro da ordem, que em tempos fora grandioso. Em consequência de ter sido essa cidade uma das mais corrompidas pelo protestantismo, o dito mosteiro, não obstante possuir cem celas, apenas estava ocupado com oito frades.

Depois de percorridas mais algumas jornadas por terras francesas onde as marcas de destruição provocados pelos ataques dos hereges muito entristeceram o Bracarense, Frei Bartolomeu chegou a Avinhão onde se alojou num outro convento da ordem. Aí o seu espírito recreou-se porque a cidade estava «limpa e sã de semelhante peste». Ficava concluído o mês de Abril de 1561.

Percorreu as 8 léguas da última jornada por terras francesas indo de Briançon a Chamon, último lugar de França. Parte desta jornada pelas alturas dos Alpes foi realizada com a ajuda de «andores». Frei Bartolomeu e os seus acompanhantes foram neles transportados «a salto por serras abaxo uma legoa e mea»¹⁴. Depois já puderam caminhar «sempre costa abaixo mas já a cavalo e serras menos agras». Era o dia 6 de Maio e passaram por Mongeneura, «aldeia que faz coroa aos mais altos picos dos Alpes»¹⁵.

Voltamos de novo a encontrar referências a conventos da ordem de S. Domingos nas 40^a, 41^a e 42^a jornadas que coincidiram com os dias 7, 8 e 9 de Maio já em terras de Itália. Ao longo dessas jornadas a comitiva passou por diversas cidades, entre as quais Turim, Vercelli e Novara. Nestas três cidades e em Rivola havia conventos dominicanos, claustrais, pertencentes à congregação de S. Pedro Mártir ou S. Pedro de Verona. De Turim a Brinzier foram percorridas oito léguas em quatro barcas porque «é terra talhada de muitos rios que brotam da montanha». Na jornada seguinte a comitiva fez mais oito léguas indo dormir a Trequea depois de passar por Vercelli e Novara. Com mais sete léguas, duas delas feitas por barco, chegou a Milão no dia seguinte, sábado, 10 de Maio. Completavam-se duzentas e oitenta e cinco léguas. Domingo foi dia de descanso na caminhada para Trento.

¹⁴ Lê-se no *Itinerarium* que cada andor era transportado por dois homens.

¹⁵ *Vida*, 59.

Além de um convento da ordem de S. Domingos, também em Milão havia um convento daquela mesma congregação – o claustral de Santo Eustorgeo – e era nele que se encontrava o belo sepulcro de S. Pedro Mártir, que D. Frei Bartolomeu dos Mártires visitaria no regresso. Desta primeira vez permaneceu quase dois dias, tanto como no regresso, e ter-se-ia alojado, provavelmente, no outro convento, o de Santa Maria das Graças¹⁶.

As jornadas seguintes levaram o arcebispo a Casam e a Hospedaleta depois de passar por Pontoia. Seguiu-se Brixia onde havia dois conventos da ordem de S. Domingos e, num deles, pernoitou. Era o dia 14 de Maio de 1561, véspera da Ascensão. Aí passou esta festividade e fez de seguida mais duas jornadas antes de empreender a última que o levaria de Calaiam a Trento.

A 18 de Maio chegou à cidade conciliar, depois de cinquenta e seis dias de viagem e de em Zamora, em Tolosa e em Milão ter venerado as relíquias que acima referenciámos e que no mapa II reunimos com as demais visitadas nas diversas deslocações efectuadas desde a saída de Braga até à chegada à arquidiocese bracarense.

Em Trento dois dominicanos, o bispo de Modena e o bispo de Verona, insistiram para que os acompanhasse para com eles se alojar. Aceitou, mas no dia seguinte conseguiu alojamento próprio e «ficou livre» para poder gozar da austeridade que lhe era tão querida. No dia seguinte os cardeais presentes no Concílio informaram o Cardeal Borromeu, Secretário de Estado de Pio IV, da chegada do arcebispo de Braga «e de como após demorada conversa colheram dele as melhores impressões, pela sua virtude e saber, e manifestam o contentamento pelas boas notícias da vinda de um embaixador de Portugal e de outros bispos. Mencionam o bom acolhimento que lhe fizeram e de como lhe prometeram benevolencia do Papa, oferecendo-se para, como Legados, lhe impetrarem algumas graças»¹⁷. Nesse mesmo dia foi datado um documento do bispo de Modena no qual dá notícia da «chegada do Bracarense, rico dos tesouros da ciência e virtude»¹⁸. Eram, assim, salientados dois dos aspectos – saber e fé – que marcavam já a pessoa de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

3 - Após onze dias em Trento e enquanto não recomeçavam os trabalhos conciliares, D. Frei Bartolomeu dos Mártires efectuou visitas a Veneza e a Pádua em que gastou quinze dias e percorreu cerca de quarenta e duas léguas, sendo uma por mar, distância que havia «entre a terra e a cidade» de Veneza. Aí havia muitas e grandes relíquias de santos que ilustravam a cidade.

¹⁶ Nem a *Vida* nem o *Itinerarium* são claros quanto ao sítio onde se alojou em Milão à ida para Trento.

¹⁷ *Itinerário Documental de Uma Vida* (s/indicação de autoria) Doc. 23, in *Bracara Augusta*, vol. XLII (1990), 577.

¹⁸ *Itinerário Documental de Uma Vida*, Doc. 24, 578.

Por isso deteve-se alguns dias e visitou os templos e conventos principais e «as santas relíquias» de que todos estão ricos, diz-nos Frei Luís de Sousa na biografia do prelado bracarense. Em S. Marcos, a igreja maior onde estava o corpo do evangelista S. Marcos, celebrou missa; no mosteiro de Santa Cruz, de freiras beneditinas, estava o corpo do famoso prelado Santo Atanásio; viu também outras relíquias que havia na cidade: as de S. Gregório Nazianzeno e as de S. Zacarias, pai de S. João Baptista, as de Santa Bárbara, as de Santa Luzia e as de muitos outros santos e santas, «com que aquela cidade se pode haver por mais famosa que por todas as outras mundanas grandezas de que se jacta, pois, estando cercada das agoas do mar, tem estoura melhor e mais poderosa cerca de Santos, que é a quem canta o psalmo *Montes in circuitu eius*»¹⁹. Em Veneza visitou ainda uma casa em ampliação onde se recolhiam «mulheres penitentes». No noviciado dessa casa, que já encerrava 380 mulheres, admirou «muitas cousas que lhe fizeram nova devação», pois via-se pintada pelas paredes «toda a historia da conversão e penitência da Seráfica Madalena, avogada da casa, em muitos paineis de mão excelente, que arrebatava os olhos»²⁰. Não só a contemplação das relíquias lhe davam conforto espiritual. Também o que lhe recordava a vida dos santos lhe fazia «nova devação». Eram novos meios para alcançar o mesmo conforto espiritual.

Findava o quarto momento das visitas a lugares de relíquias ou de peças e memórias susceptíveis de estimular devoções.

Não quis deixar de ir também a Pádua venerar Santo António, à igreja que antigamente era da invocação de Nossa Senhora. Não só fez por lá estar quando fossem 12 de Junho, véspera da festa em honra de Santo António, mas, sobretudo, estar «na casa do Santo que a ela o levava, santo seu compatriota e nascido como ele dentro em Lisboa». Assim foi. A elevada cultura, o ideal mendicante e o apelo da santidade aproximavam certamente estas duas personalidades... Assistiu não só às Vésperas como também acompanhou no dia 13 de Junho de 1561 «a procissão, cheio de devação e, com a mesma, visitou depois as relíquias do Santo». Na procissão incorporaram-se muitos «corpos de prata, de homens e mulheres, que passavam de trinta, e muitas outras peças de prata de grande valia, vistoso espectáculo, e memorias pias de milagres obrados por meio do Santo, que ofereceram os interessados e deixaram pendurados em seu templo, como trofeos de sua virtude e poder». A

¹⁹ *Vida*, 57/v-58.

²⁰ As mulheres residentes nessa casa estavam ocupadas. Não havia «hora de ociosidade», pois, em «grandes salas providas de instrumentos de quasi todos os officios» como numa «bem ordenada e abastada Republica», as «penitentes» trabalhavam. Algumas delas «em misteres bem encontrados com a fraqueza feminil». A maioria, porém, ocupava-se em officios «mais proprios a sua natureza, humas lavrando em suas almofadas, outras cozendo, outras fiando, outras tecendo panos, fitas, passamanes, outras fazendo botões e cousas a este modo: do que tudo resulta ajudarem em huma grande parte a despesa commum de sua sustentação».

admiração dessas peças de prata explica-se por evidenciarem a devoção que tiveram os devotos de Santo António, cujas relíquias estavam ali bem perto, e por cuja intercessão haviam obtido graças. A sepultura era num alto túmulo de jaspe, colocado no meio de uma rica capela. Nela viam-se em algumas partes «abertos uns pequenos furos, por onde se sente suavíssimo cheiro». Junto ao altar-mor «parece seu retrato em pintura tirado pollo natural: està gentilhomem e mancebo, e representa grãde estatura, carnes e corpulencia»²¹. Era muito venerado em toda a Itália, de tal modo que quem nomeasse «o Santo» logo se ficava a entender que queria dizer Santo António.

Quando os franciscanos conventuais do convento de Santo António entenderam quem era o hóspede, foram-lhe mostrando tudo o que na casa havia de «preço»: viu, encerrado numa grande custódia de prata, «o queixo inferior do Santo, com todos seus dentes», em outra, estava a «ponta daquela lingua, ministra de celestiais conceitos, que está hoje tão viva e vermelha como quando os pronunciava»; em outra custódia estava, com a mesma veneração, «um pedaço do casco da testa, em que pareciam inda alguns cabelos e, juntamente, um grande retalho do habito, que é saco grosseiro e como um cilício».

Frei Bartolomeu dos Mártires cumpriu em Pádua o quinto momento dos que no seu itinerário dedicou a visitas a relíquias de santos que piedosamente estavam guardadas em diversos templos e conventos que no caminho encontrou ou procurou.

4 - De novo em Trento, ainda aguardou sete meses e uns dias pelo início da última época do Concílio. A 18 de Janeiro de 1562 o Concílio reabriu oficialmente, depois de, três dias antes, na primeira sessão, o arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires ter estado ausente «por não estar ainda esclarecido suficientemente o litígio com Toledo, sobre a primazia da sua igreja»²². Com esta questão relacionava-se uma outra: a das precedências. Mas naquela primeira sessão, o bispo de Coimbra, em nome do prelado bracarense, havia suplicado que nas actas do Concílio fossem incluídos o breve *Sicut ea* de 31 de Dezembro de 1561, que tratava das precedências a guardar no Concílio, bem como a declaração que os Legados haviam feito de que as normas das precedências em nada prejudicariam o direito das igrejas. Essas partes da acta conciliar seriam lidas na sessão imediata – 18 de Janeiro.

Com um novo breve – o *Cupientes nuper* – Frei Bartolomeu podia ficar sossegado quanto à imunidade dos direitos da sua igreja, apesar das praxes das precedências usadas no Concílio. É que elas apenas satisfaziam a ordem da

²¹ *Vida*, 58/v-59.

²² Cf. *Itinerario Documental de uma Vida, Síntese Cronológica*, in *Bracara Augusta*, vol. XLII (1990), 9.

promoção dos padres que nele participavam mas «sem prejuízo das precedências das suas igrejas», como já ficava consagrado no primeiro breve que referimos²³.

Tranquilizado o arcebispo português quanto a esta questão tão do seu agrado como defensor da primazia bracarense (e não por interesses de prestígio pessoal), pode o arcebispo revelar nos trabalhos conciliares as suas preocupações e pontos de vista quanto às reformas que considerava pertinentes. A síntese cronológica que consultámos começa por salientar duas questões que logo no início dos trabalhos fazem sobressair no arcebispo:

1ª - A confiança e apreço que nele depositavam outros notáveis conciliares, atestados pela sua eleição para «organizar o índice dos livros proibidos, ou apontar os remédios mais convenientes contra os escritos heréticos».

2ª - A sua «enérgica e clarividente intervenção» quanto aos «problemas da reforma e disciplina da residência, testemunhada pelo texto escrito que entregou ao Concílio²⁴. A questão da primazia, a da definição do direito divino da residência dos bispos nas suas dioceses e a da disciplina do clero reflectir-se-ão, como sabemos, no exercício da sua acção pastoral.

5 - Depois de notáveis intervenções no Concílio, com destaque para estas questões, e de ter participado «com a maior parte dos da sua ordem» na grandiosa festividade em honra de S. Domingos que teve lugar no convento de Trento²⁵, Frei Bartolomeu dos Mártires, aproveitando uma folga nos trabalhos conciliares interrompidos por cerca de dois meses, partiu para Roma a 18 de Setembro de 1563 para, juntamente com o cardeal de Lorena e alguns bispos franceses visitarem em Roma os Santos Apóstolos²⁶. O Bracarense

²³ *Itinerario Documental de uma Vida, Síntese Cronológica*, in *Bracara Augusta*, vol. XLII (1990), 9.

²⁴ *Itinerario Documental de uma Vida, Síntese Cronológica*, in *Bracara Augusta*, vol. XLII (1990), 10.

²⁵ Frei Luís de SOUSA, na *Vida*, 78, esclarece que «naqueles tempos fazia a Ordem a festa de nosso Padre aos cinco do mês, dia de Nossa Senhora das Neves que foi o em que faleceu e não no antecedente como agora costumamos». Mas houve vésperas no dia 4. Estiveram nessa festa todos os representantes de Portugal no Concílio: D. João Soares, bispo de Coimbra e religioso da Ordem dos Eremitas, D. Frei Gaspar do Casal, bispo de Leiria e religioso da Ordem de Santo Agostinho, dois sacerdotes seculares – D. Jorge de Ataíde que esteve no Concílio – «por curiosidade virtuosa» e que veio a ser bispo de Viseu e o dr. Diogo de Paiva de Andrada que foi teólogo de D. Sebastião – e o Mestre Frei Luís de Sotto Mayor, letrado da Ordem de S. Domingos que acompanhava D. Jorge de Ataíde como seu teólogo.

²⁶ Raúl de Almeida ROLO, O. P., *S. Carlos Borromeu, discípulo e protector do bracarense Bartolomeu dos Mártires*, in *Bracara Augusta*, 269. Seriam seis bispos franceses, além do cardeal, segundo o *Itinerarium*. Na *Vida*, 80, são referidos «tres Bispos Franceses», os que em Abadia tomaram coches para prosseguirem a deslocação a Roma: «meteo o Cardeal cõsigo ao Arcebispo e a

aproveitaria a estadia em Roma para se encontrar com Pio IV a fim de tratar de assuntos da sua diocese. No começo da viagem aproveitou-se «do rio agoa abaixo quase vinte legoas»²⁷. Verona foi a cidade onde, no mosteiro dominicano de Santo Atanásio, pernoitou, concluída a primeira jornada desta viagem. De uma povoação de nome Abadia a 5 léguas de Verona, Frei Bartolomeu dos Mártires e os seus acompanhantes prosseguiram a viagem em barcos até Ferrara²⁸. Aqui também pousou num convento de S. Domingos.

Seguiu-se Bolonha, cidade «espantosamente grande» e até onde viajaram em coche. Aparece nesta jornada um novo meio de transporte a juntar aos barcos, ao gado cavalar e muar e aos «andores». Aí chegou a tempo de assistir em 21 de Setembro, dia de S. Mateus, às Vésperas em S. Domingos cuja igreja era da invocação de S. Petrónio. Fora sua intenção «entrar a boa hora naquele convento, cabeça de toda a ordem dos Prêgadores, e depositario das santas reliquias do fundador della». Para poder fazer mais à vontade a jornada desse dia, depois de ter já mandado partir os seus familiares na tarde do dia anterior, saiu bem cedo de Ferrara. Acabadas as vésperas recolheu-se na capela junto da sepultura do Santo. «Aqui, prostrado por terra com sua vénia e os olhos rebentando em lágrimas de alegria e devação por se ver em tal lugar, lhe pediu a benção». Na «casa que aquele grande Abrahão tanto amàra» sentiu grande consolação espiritual «tocando as lageas que lhe servião de cama, o chão que regara com lagrimas e com sangue, e dizia consigo *Non est hic aliud, nisi Domus Dei, porta Coeli*», admirando outrossim o formoso e grande coro. Ao olhar para o coro onde estavam mais de duzentos Religiosos «representava-se-lhe um espectáculo das Hierarquias Celestiais. Edificava-se das veneráveis cãs dos velhos. Os moços, com sua tenra idade e rostos Angelicos, lhe faziam devação. A composição dos mancebos e a modestia de todos mostrava bem serem criados ao bafo de tal pay»²⁹.

Tal como em muitos outros momentos de recolhimento, também aqui Frei Bartolomeu dos Mártires valorizou o espaço de culto em que se encontrava: tudo nele era propício à elevação espiritual.

Numa capela própria estava a sepultura de S. Domingos, muitíssimo venerada. Era «hum muimento de alabastro, entalhado todo à roda de figuras de relevo, de perfeita escultura, que são memórias de milagres seus,

outros tres Bispos Franceses». Esta informação resultaria de lapso do biógrafo ou da utilização de outra versão do *Itinerarium*?

²⁷ *Vida*, 80.

²⁸ Na *Vida* lê-se que a partir de Abadia a viagem prosseguiu em coches. É mais uma divergência entre as informações contidas no *Itinerarium* e a *Vida*. Ver observações atrás a propósito da(s) jornada(s) de Villa Franca a Capestamo. Outra divergência encontraremos adiante, como veremos, relativamente a Florença.

²⁹ *Vida*, 81/v.

assentado sobre um altar». No pé deste altar «parece um arquete de marmore, no qual lhe disseram que estavam os ossos de uma Margarita, Portuguesa da terceira ordem, que por devoção do Santo, deixada a patria e a cidade de Lisboa onde nacera, se fora viver a Bolonha; tinha sua morada em uma lapa pouco distante da cidade e a vida que fazia era mais de espirito angelico que de corpo humano, e por tal lhe deram aquele lugar na morte. Não tardará em sair a luz sua historia, em cõpanhia dos varões ilustres Portugueses desta Ordem»³⁰.

Estas passagens da descrição dos primeiros momentos que passou na igreja e capela do convento de S. Domingos de Bolonha mostram uma vez mais o seu desejo de visitar e venerar as relíquias que pudesse encontrar ao longo das jornadas que teve de efectuar aquando da sua participação no Concílio de Trento. As de Bolonha tinham um especial significado nas devoções do dominicano Frei Bartolomeu dos Mártires. Como habitualmente, também nesta escala desejara passar despercebido. Porém, esse desejo foi-lhe impossibilitado porque o prior, que era o mesmo que já o acolhera em Brexa (Brixia) em 14 de Maio de 1562, onde a comitiva estivera quando seguia de Milão para Trento, reconheceu-o. Além disso, um criado do cardeal de Lorena foi avisar o prior «de quem tinha em casa». Ficaria desta vez inviabilizado o desejo de dissimulação que em algumas ocasiões conseguiu satisfazer.

No dia seguinte, o prior mostrou-lhe «as cousas notáveis do convento», a saber: na sacristia a cabeça de S. Domingos «metida em rico e bem lavrado relicário de prata». O arcebispo tomou em suas mãos esta reliquia, «polla sobre os olhos, beijou-a e abraçou-se com ela com tal afeito que parecia a queria meter na alma». Na mesma sacristia viu também um Livro de Esdras, «de letra de mão, de que ha tradição ser escrito pola do mesmo Autor»³¹.

Teve também oportunidade de se dirigir aos noviços e de lhes dizer que eram bem-aventurados, porque «logravam os bens e quietação da casa do Senhor antes de terem experiência dos males que havia fora dela». E realçava esta felicidade porque estavam «em companhia do sepulcro e ossos santíssimos do nosso glorioso Patriarca, sitio bendito e solar verdadeiro de nosso morgado e nobreza: onde não era possível esquecer-se um Religioso de si com tal espertador nem perder o caminho com tal guia. Que se a escritura sagrada dizia que os ossos de Eliseu profetizaram, porque depois de sepultados fizeram milagres dignos de sua profecia, e de varão profetico, não duvidava, que aqueles virginais ossos fizessem raros e maravilhosos efeitos em suas almas, dignos de tão grande Profeta, cuja vida toda não fora outra cousa senão um perene sacrificio em serviço de Deus e salvação dos proximos: e depois de morto, como outro José que não consentiu apartarem-se seus olhos da companhia de sua família, estava com eles fazendo em vivas memórias officio de Mestre

³⁰ *Vida*, 82.

³¹ *Vida*, 81/v-82.

amoestando-os juntamente da morte e da vida, dos trabalhos e do descanso, da batalha e do triunfo, das misérias da terra e das riquezas e alegrias do Ceo». E o arcebispo concluíra «como o grande Abraão de quem eram filhos tivessem por certo que assim como ali com o bafo de suas santas relíquias os amimava também là do Ceo, no meio das celestiais delicias que possuía se não podia descuidar deles, antes os estava chamando e convidando a irem povoar com ele a triunfante Jerusalém de cujos muros a cantaria eram pedras preciosas e cobertas de perolas, nas praças se pisava ouro; o dia lá não conhecia noite nem o verão inverno, nem a vida fim: dia, verão, vida, tudo era eterno e sem termo»³².

Esta sua prelecção foi escutada com o maior deleite pelos moços que estavam «suspensos de sua boca como com musica excelente davam sinal do que sentiam, derretendo-se em suaves lagrimas e ardentes desejos e amor do Ceo».

Tinha já visitado o mosteiro de freiras, de invocação de Santa Inês, também fundado por S. Domingos. D. Frei Bartolomeu viu aí «o breviario que servira ao Santo quando caminhava» pois «em nenhum outro tempo» o utilizava, «um troço do bordão que usava e outras reliquias»; também «visitou as sepulturas de tres Religiosas que naquella casa florecerão em grandes virtudes e por taes estão veneradas e avidas por Santas». Todas elas – Diana de Andalo, a fundadora do mosteiro, Cecília e Amanda – haviam recebido o hábito das mãos do fundador da ordem dominicana e a ele fizeram profissão³³.

Na travessia dos Apeninos que a seguir a comitiva teve que efectuar, foram gastas duas jornadas no total de doze léguas, onze das quais feitas por péssimos caminhos daqueles montes. Passadas essas dificuldades chegaram a 24 de Setembro a Florença e visitaram a sua catedral. Nesta cidade instalou-se no convento da ordem – o convento de S. Marcos. Na igreja orou diante do altar e relíquias de Santo Antonino, insigne arcebispo dominicano. O Bracarense estava «alegre por se ver na casa daquele insigne arcebispo cuja vida e obra se tinha proposto imitar». Há nesta 7ª jornada a caminho de Roma divergência entre a informação contida na *Vida* e a contida no *Itinerarium*. Segundo esta fonte não dormiu em Florença mas seguiu viagem para S. Casan e foi aí que pernoitou.

A cidade de Sena, pátria da Santa Catarina, religiosa dominicana da «terceira regra» foi a etapa da jornada seguinte. Aí, novamente pousou num dos dois conventos da ordem que havia na cidade – o do Santo Espírito – e visitou a Sé que descreve como «incomparável, toda de mármore branco e

³² *Vida*, 83.

³³ *Vida*, 82.

preto misturados, e o pavimento esculpido era de singulares feitorias»³⁴. O convento do Espírito Santo revezava-se mensalmente com o outro para acolher peregrinos. Nesse mês não cabia a este admitir hóspedes. Porém, Frei Bartolomeu dos Mártires foi aceite porque o prior tivera conhecimento de que se tratava de um Mestre em Teologia que, aproveitando um intervalo dos trabalhos conciliares, se dirigia para Roma. Embora não tendo sido reconhecido, foi «admitido para a caridade da cea» composta por «um pão e dous ovos cozidos, duros e pouco quentes». Foi um «esplendido e mimoso banquete» para o dominicano português e arcebispo de Braga, lê-se na sua biografia.

O nosso prelado procurou acolher-se nesse convento porque nele estava parte do corpo de Santa Catarina. É mais um testemunho de quanto o culto das relíquias e a veneração pelos lugares que as acolhiam ou que delas tinham memórias lhe davam consolação espiritual. Teve, como desejava, uma ceia frugal. Ao outro dia o prior mostrou-lhe «a cabeça da Santa e a cadeia de ferro com que se disciplinava tres vezes por dia e depois lhe ficava servindo de cilício, cingindo-a». Foi pela devoção que tinha a Santa Catarina que o arcebispo visitou esta cidade. Visitou também a sepultura de santo Frei Ambrósio Sancedónio, muito venerado na cidade, e a que na ordem chamavam Santo Ambrósio de Sena, «por cujos merecimentos tem Nosso Senhor obrado naquele convento grande numero de milagres». Mas uma vez mais os cuidados do Cardeal de Lorena lhe estorvariavam «a quietação que buscava nos mosteiros» pois, quando estava a paramentar-se para dizer missa, aquele Prelado apareceu para o levar a comer melhor, porque presumia do desconforto da noite que passara e da ceia que tivera. Não o considerava assim Frei Bartolomeu, mas antes achava que tivera um acolhimento excelente. Foi atencioso o cardeal para com o nosso prelado. Ora se preocupava com o seu bem-estar ora «contava maravilhas de suas partes e fazia largos encomios delas». Acabada a missa, Frei Bartolomeu, já reconhecido pelo prior, despediu-se e agradeceu-lhe a esplêndida hospitalidade pela simplicidade do acolhimento e pela frugalidade das refeições. Por isso «o avia por verdadeiro filho de S. Domingos»³⁵.

Passou depois passou pela cidade de Viterbo para ir dormir a Braxiano. Era a penúltima jornada. A 29 de Setembro chegou a Roma. Congratulou-se por chegar com seus companheiros «de tão longe e com saude à vista destes Sanctuarios» para visitarem os «lugares pios e estações santas». Roma era a «depositaria fidelissima dos sagrados corpos dos Principes de toda a Igreja Catolica, São Pedro e São Paulo. Realçou aos acompanhantes que tais visitas lhes permitiam alcançar «muitas e grandes» indulgências e informou-os de que dos «muros a dentro he terra santa toda a que pisamos, de sorte que podeis crer, que não pondez pè que não seja sobre cinzas de Martyres». Nela

³⁴ *Itinerarium Fratis Bartholomaei, Archiepiscopi Bracharensis...* in *Bracara Augusta*, vol. cit, 567.

³⁵ *Vida*, 84/v.

teriam padecido por Cristo trezentos mil mártires cristãos. O número de confessores e de virgens era infindável: «Infinitos devem ser»³⁶.

Em Roma pretendia acolher-se no convento dominicano de Santa Maria Sopra Minerva e aí ter «hospedaria para seu aposento». Para isso tinha enviado um criado. Enquanto esperava resposta daquele convento celebrou missa na igreja de S. Pedro do Vaticano e visitou «com quietação e alegria as reliquias dos Santos Apostolos». Depois procurou refúgio numa capela quando a viu com menos gente. Mas em vão. Descoberto, tentaram persuadi-lo a sair dali. O embaixador de Portugal em Roma, D. Álvaro de Castro, como bom cortesão e diplomata, usou dos meios adequados para convencer Frei Bartolomeu a aceitar ficar em sua casa. Mas não conseguiu mais que o levar a jantar e com a condição de o deixar ir «para os frades». Assim foi. Porém, o embaixador foi depois visitá-lo à Minerva e de novo insistiu com o arcebispo para que fosse seu hóspede. O físico-mor do Papa também apareceu no convento para o convencer a ser hóspede no Sacro Palácio ou então do embaixador. Junto do Papa, Frei Bartolomeu tentou convencer o Sumo Pontífice a deixá-lo ir para a Minerva. Em vão. Então «escolheu, por mais humildade, já que havia de deixar os seus Frades, ir com o Embaixador». Aí ficou durante o tempo que residiu em Roma. No dia seguinte visitou as Sete Igrejas Maiores de Roma em companhia do cardeal de Lorena, começando em S. Pedro e acabando em S. Paulo³⁷.

Os contactos com Pio IV, S. Carlos Borromeu e o Cardeal Ghislieri, futuro S. Pio V, fizeram sobressair a pessoa do prelado bracarense, granjearam-lhe o apreço, respeito e amizade destas e de outras ilustres figuras da Igreja e possibilitaram-lhe desenvolver junto dos cardeais romanos os seus planos de reforma da Igreja Católica. Aí permaneceu cerca de doze dias. Na véspera de partir pediu licença ao Papa para correr de novo as Sete Igrejas. Pio IV mandou «que lhe fossem mostradas todas as reliquias que há nestas igrejas, que, se as houvera de ver no tempo que é costume mostrarem-se, havia mister esperar quase um ano». Visitou juntamente com o cardeal de Lorena as relíquias dos santos apóstolos, as relíquias da crucificação de Jesus, e até algumas reliquias vetero-testamentárias: *vulto santo, ferrum lanceae, aculei spinae, titulus crucis, Arca foedus cum virgis Mosis et Aaron*³⁸.

Mostra-nos esta passagem da estadia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires em Roma que, além da visita aos templos e conventos das localidades por onde passava ou onde se alojava, o arcebispo desejava ver as relíquias e memórias pias que neles houvesse. Para este efeito, foi-lhe em Roma concedida uma licença especial a qual lhe deveria ter dado muita consolação.

³⁶ *Vida*, 85.

³⁷ *Vida*, 86-86/v.

³⁸ *Itinerarium Fratris Bartholomaei, Archiepiscopi Bracharensis...* in *Bracara Augusta*, vol. cit, 567.

A 16 de Outubro iniciaria o viagem de regresso a Trento depois de dizer missa, de manhã cedo, em Nossa Senhora do Pópulo, e de, na véspera, se ter despedido de Pio IV. No mosteiro de Nossa Senhora do Pópulo, da ordem de Santo Agostinho, está a sepultura do célebre cardeal português D. Jorge da Costa, e foi dormir a Burgheto a caminho de Nossa Senhora do Loreto, seguindo viagem «a bom picar». Em pouco tempo, chegou depois a Espoleto, já que «o gosto de se ver livre de Roma» pelas honrarias que recebeu e pelo luxo da corte pontifícia que lhe coube apreciar, tão contrastantes com o estilo de vida por que optara, «lhe fazia apertar o passo de maneira que Águia levava azas»³⁹.

Nesse regresso destacam-se as visitas feitas em Assis aos lugares franciscanos, depois de em Montefalco ter visto o corpo de Santa Clara de Montefalco, falecida em 1308 e que «está hoje tão inteira em todos seus membros como o dia que faleceu, e assim lhe meneam os braços e levantam as mãos e lhas abrem e cerram, como a uma pessoa viva»⁴⁰. «Maravilhas que obra o Senhor em seus Santos», diz-nos o biógrafo.

De caminho para Assis foi ao célebre Convento da Porciúncula, a uma milha da cidade. Uma vez nesta casa da ordem de S. Francisco visitou a pequena capela onde se reuniam os primeiros seguidores do Poverello.

Antes de entrar na cidade, às três da tarde, apeou-se e foi com seu companheiro a um mosteiro, o único de clausura dos quatro que os Padres Menores nela tinham, «e com humildade, pediu gazalhado por amor de Deos pera dois Religiosos que passavão seu caminho, sò por aquella noite». Foi acolhido com caridade e «levado ao refeitório com alegria de todos, e com a mesma lhe poserão diante tudo o que avia em casa, que erão huns ovos, e hervas da horta, e alguma fruyta do tempo». Passou a noite toda no coro, não obstante o cansaço de três dias de caminho, «porque naquela casa e igreja assim S. Francisco passava noites inteiras»⁴¹. À vista desse exemplo desejava testemunhar o quanto era um verdadeiro religioso e exclamar contra o medo que os fiéis têm da penitência e de um pouco mais de trabalho. Neste convento onde se alojara celebrou missa sobre o corpo de S. Francisco. Em seguida visitou o convento e as relíquias que nele havia e a preciosa relíquia do corpo do Santo.

Visitaria também a igreja de S. Damião, situada fora da cidade, onde o Crucifixo dissera a S. Francisco: *Vade repara domum meum*. Mas era na igreja de Santa Clara, e não na Porciúncula, nem em S. Damião, nem no convento onde se alojara, que estava então guardado esse crucifixo e outras relíquias que Frei Bartolomeu também viu: dois hábitos de S. Francisco, «hum delles de hum burel como picote: outro de lam mais grosseira da cor do pano

³⁹ *Vida*, 97.

⁴⁰ *Vida*, 97.

⁴¹ *Vida*, 97/v.

que usão nas capas os Religiosos de S. Ieronymo. Mostrãrãolhe o cilício do Santo e o de Santa Clara e os Breviarios de ambos, e o couro ensangoentado que o São trazia sobre o lado aberto». Viu ainda a corneta de marfim que lhe dera o Sultão do Egipto e com a qual S. Francisco convocava «os Infieis» à pregação, «e humas taboletas com que fazia sinal de silencio para ser ouvido, memorias bem dignas de estima e veneração. Juntamente lhe mostrãrão huns çapatos que o Santo usava despois que Christo nosso Senhor lhe imprimio suas santas chagas»⁴².

Como Bolonha, Assis foi marco importantíssimo nesta viagem. Até por antever tudo isso, o nosso prelado teria desejado ainda mais ir a Roma aproveitando a interrupção dos trabalhos conciliares. A visita foi enriquecida por, depois do cansaço de três dias de jornadas, ter sido aí «bem vingado das superficialidades de Roma, tanto na mesa como na cama»⁴³. Quis em Assis, ainda que por uma só noite, viver de forma aproximada à de S. Francisco. Por isso passou a noite em oração no coro e, de manhã, celebrou missa sobre o corpo de S. Francisco. É provável que a visita a S. Damião tivesse sido efectuada depois da celebração da missa.

Seguiu-se a viagem para Loreto com passagem pelas cidades episcopais de Forlì, Marcherata e Recanate. A jornada de Recanate a Ancona, com paragem em Loreto, foi de quatro léguas, por péssimo caminho devido à lama e chuva. Por isso, D. Frei Bartolomeu dos Mártires e a sua comitiva não foram dormir a Ancona, mas pernottaram a uma légua de distância, numa pobre estalagem que encontraram. Mas antes, em Loreto, aonde chegou depois de bem cedo partir de Recanate, visitou a Santa Casa do Loreto e nela celebrou missa, «com um extremo de alegria espiritual». Foi mais uma paragem num lugar cheio de recordações da Virgem Maria: Frei Bartolomeu dos Mártires disse missa no dia das onze mil virgens (21/10) «naquella milagrosa camara polos Anjos trazida na qual a Virgem naceo e concebeo o Filho de Deus». Depois de várias etapas e permanências em outros lugares, essa câmara acabou por chegar a este lugar, a uma légua de Recanate, trazida pelos Anjos (de Nazaré à Dalmácia – hoje Eslovénia – e depois três etapas em terras de Itália). Aqui «conservou o nome do primeiro posto que tomou em Itália»⁴⁴.

Na biografia temos a descrição desta relíquia: «São as paredes de ladrilho assentado com barro; o tecto de abobada de berço. Na parede da entrada

⁴² *Vida*, 98. *Taboletas* é a designação qua aparece no *Vida*. No *Itinerarium*, in *Bracara Augusta*, 568, aparece «paxilos com que fazia calar». O sentido é, pois, idêntico. Mas em Maria José Azevedo SANTOS, art. cit. 326, encontrámos: «paxilos com que fazia colar». Esta tradução parece derivar da palavra paxila – placa espessa encimada por pequenos espinhos. Assim, ter-se-ia considerado um instrumento de sacrifício como um colar com picos?

⁴³ *Vida*, 97/v.

⁴⁴ *Vida*, 98/v.

tem huma pequena janella. Em outra se ve aberta huma estreita cantareira com huma taboa no lugar do cantaro e outra no meio. Tecto e paredes mostram que forão guarnecidas de barro. Tem dentro quinze pès de largura e outros tantos de cumprimento, contados estes até o Altar que sobe tres degraus e assi fica sendo mais comprida que larga todo o espaço que tomam os degraus e o corpo do Altar. No meyo do altar de faz um vao que se vê todo chapeado de prata topo e lados. E esculpidas algumas figuras de relevo com letras que nomeão os autores da obra. E tem por resguardo grades de ferro largas cubertas de huma rede de fio darame miuda que dà bastante vista do que ha dentro. A imagem da Senhora està posta em alto, de estatura ao parecer de quatro palmos, na cor morena e com o minino Iesu nos braços. A materia de que he feita não se compreende. Ardem diante oito alampadas de prata. He grande e cõtinuo o cõcurso de devotos a visitalla».

A esta «santa casa» o arcebispo chegou cedo e aí celebrou missa «com hum extremo de alegria espiritual, e se não fora pela obrigação do Concílio mais devagar se lograra della»⁴⁵.

A viagem prosseguiu. Ravena foi uma das outras cidades por onde passou. Esta jornada feita em dia de S. Crispim e S. Crispiniano (25/10) «oi a mais trabalhosa e perigosa, porque a campina antes de Ravena he terra alagadiça e estava coberta de água». Também depois da cidade, «havia grandes lamas e atoleiros». Revelam-nos estas informações do *Itinerarium* que em meados de Outubro de 1563 as chuvas foram abundantes por aquelas terras italianas.

As cidades de Ferrara e de Mântua também ficaram no itinerário de D. Frei Bartolomeu dos Mártires no regresso de Roma para Trento. Em Mântua disse missa na sepultura do cardeal Hercules Gonzaga, conciliar de Trento, que havia falecido em Maio de 1561, já depois da chegada do arcebispo português a Trento. Nesse dia foi dormir a Vila Franca. A 31 de Outubro reentrou em Trento e a sua chegada foi muito festejada. Não quis faltar às vésperas dos Santos que, em Trento, se celebravam em pontifical com a assistência de muitos prelados.

6 - Iriam recommençar os trabalhos conciliares. Como, entretanto, haviam sido copiados os capítulos do Concílio até então tratados, distribuiram-se por todos os conciliares. Mas o Bracarense encontrou nesse documento «muitas coisas diferentes» das que efectivamente tinham sido tratadas e concluídas no Concílio antes da sua partida para Roma. Por isso refutou algumas matérias constantes do documento distribuído, que alteravam o que efectivamente se havia tratado, apresentado «razões tão pias, tão sentenciosas e bem fundadas que a todos parecia que falava Deus por ele»⁴⁶.

⁴⁵ *Vida*, 98/v-99.

⁴⁶ *Vida*, 99/v.

Neste ponto da biografia dá-nos o biógrafo notícia de outras relíquias que por então mereciam grande devoção, mas cujo culto estava ameaçado pelos ataques dos hereges. Não foram visitadas por D. Frei Bartolomeu dos Mártires, mas delas o nosso prelado teve ocasião de ouvir falar em conversas particulares com outros prelados. Em França eram os templos da ordem de S. Bernardo os que corriam maior risco de profanação e ataques dos hereges, porque estavam «todos desviados de povoado» pelo que as populações católicas lhes não podiam valer. Para atalhar à profanação, o Papa escrevera ao cardeal de Lorena para ir à Abadia de Claraval «e cõ todo o segredo tirasse o corpo de seu Santo fundador e o levasse à cidade de Avinhão com segurança e decencia que era razão». Corria o ano de 1561 quando o cardeal chegou à Abadia para cumprir as determinações do Papa. Foi grande a tristeza dos monges por irem ser privados da sua maior relíquia. Mas o cardeal lembrara-lhes o que acontecera em Tours a S. Martinho, a quem os hereges perderam o respeito, ele que era «gloria e coluna daquelle reino». E também em Poitiers a Santo Hilário. E em outros lugares, a S. Boaventura e a Santo Hireneu, entre outros Santos, «descubriendo impiamente seus corpos, por tantos seculos de seus maiores venerados; e espalhando polos campos as reliquias de huns e queimando as de outros, fazendo Martyres depois de mortos os que muito desejarão sello em vida»⁴⁷.

Por estas razões os filhos de S. Bernardo deviam congratular-se que as do seu patrono «ficassem seguras de semelhãte injuria, mormente quando estavam entre aqueles montes ermos sem nenhum genero de defesa nem reparo, se bastava reparo contra a furia infernal daqueles a quem nem as fortes muralhas de Poytiers nem o numeroso povo de Turs tão affeiçoado e obrigado a seu Santo Padroeyro puderão resistir». Com um bom exemplo de religião e obediência, consentiram em «largar a posse do presente por esperanças do futuro» e acompanharam o Cardeal e o Abade ao lugar da sepultura e oraram. Era o dia 20 de Maio de 1561. Foi aberta a sepultura pela primeira vez depois que o Santo nela fora sepultado em 1153. O corpo estava metido numa caixa de chumbo envolto em três grandes lençóis, «sãos, alvos e incorruptos como o primeiro dia que ali começaram a servir». Retirados os lençóis apareceu o corpo «cozido todo em um couro muito apertado e justo, salvo a cabeça: sahia delle uma fragancia de cheiro suavissimo. Tinha lançada ao pescoço huma Cruz de pao pendurada de huma fita que lhe ficava sobre os peytos e entalhada nella esta letra: *Fasciculus myrrae delectus meus mihi inter ubera mea commor abitur*». Junto ao corpo estava uma caixinha com relíquias identificadas: eram do apóstolo S. Tadeu as quais o Papa Eugénio III, seu devoto discípulo, lhe havia mandado de Roma. Achou-se também o sinete que o santo usava. Era de cobre, «com sua empreza e letra aberta à roda». A divisa era uma harpa. A letra dizia: *Quid erit in Patria*⁴⁸.

⁴⁷ *Vida*, 101.

⁴⁸ *Vida*, 101/v-102.

De outra sepultura foram retiradas as relíquias de S. Malaquias, monge da mesma ordem e bispo na Irlanda, e que tivera por cronista o próprio S. Bernardo. Na posse das relíquias e disfarçando muito bem a razão da jornada, o cardeal de Lorena, acompanhado de muitas dignidades eclesiásticas – bispos e os abades de Claraval e de Cister – e de grossa guarda de soldados católicos - levou-as à cidade de Avinhão, onde as entregou ao governador que recebera ordem do Papa para as receber e guardar.

7 - Após nova participação nos trabalhos do Concílio chegou a hora do regresso a Braga. A 4 de Dezembro de 1563 fizeram-se as cerimónias do encerramento e no dia 8 a comitiva dos portugueses que participaram no Concílio fizeram «vela rio abaixo» até à cidade de Verona. O cardeal de Lorena e o bispo de Modena acompanharam o arcebispo de Braga até ao barco aonde já estava o embaixador de Portugal, o Bispo de Leiria e todos os restantes portugueses que estiveram em Trento, excepto o bispo de Coimbra, que tomou outro caminho. Como à ida e, sobretudo, como fizera nas deslocações em Itália, D. Frei Bartolomeu dos Mártires ao longo das sessenta e uma jornadas que teve de efectuar até chegar a Braga foi visitando outros lugares onde se veneravam relíquias.

Depois de se alojar em Verona ao fim de catorze léguas de viagem e duas primeiras jornadas concluídas, a viagem de regresso a Braga prosseguiu, mas já por terra. Em Milão D. Frei Bartolomeu alojou-se no convento dominicano de Santo Eustorgio⁴⁹. Aí visitou a sepultura do insigne mártir S. Pedro de Verona, Religioso da ordem de S. Domingos e primeiro Inquisidor-Geral da Lombardia que em 1252 fora martirizado e em 1253 canonizado, e os sepulcros do grande doutor da igreja Santo Ambrósio e do português Beato Frei Amadeu da Silva. O primeiro estava debaixo do altar da capela-mor do mosteiro de Santo Ambrósio. Este mosteiro era de seculares e de religiosos. Na sacristia dos frades estava exposto um bordão do Santo e um copo de pau por onde ele bebia, «encaixado agora, por devação, em outro de prata». O corpo do Beato Amadeu, franciscano e irmão de Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre, estava ao pé da estante do mosteiro franciscano de Nossa Senhora da Paz. O túmulo estava coberto «com huma taboa levadissa pera se poder mostrar aos devotos". É venerado em toda a Itália onde há muitas comunidades a que chamam dos *Amadeus*, «recoleta muy reformada que fundou no anno de 1460»⁵⁰.

⁴⁹ Era a segunda vez que estava em Milão. O *Itinerarium* descreve-nos este sepulcro quando é feita referência à ida para Trento. Teria sido então visitado?. Na *Vida* lê-se que foi no regresso que efectuou essa visita. À ida poderia ter-se alojado no outro convento da ordem que havia em Milão – o de Santa Maria das Graças.

⁵⁰ *Vida*, 102/v.

Desviando-se do caminho para Génova, D. Frei Bartolomeu dirigiu-se para Pavia «por ver a casa onde he tradição que está o corpo do grande lume da Igreja Santo Agostinho sem se saber lugar certo»⁵¹. Tal casa era uma igreja comum a dois mosteiros a ela contíguos, um de Cónegos Regrantes e outro de Eremitas, ambos da ordem de Santo Agostinho. Todos se juntavam no mesmo coro «às horas e Officios divinos e sò no ministerio do altar se alternam ás semanas»⁵².

Génova ficou algumas jornadas depois assinalada neste itinerário em que D. Frei Bartolomeu tornou a encontrar o Embaixador e acompanhantes. O itinerário do arcebispo não coincidia, pois, totalmente com o da restante comitiva. De vez em quando D. Frei Bartolomeu fazia desvios para satisfazer a sua devoção pela veneração das relíquias. Depois fazia-se o reencontro. A chegada a Génova deu-se em vésperas do Natal, dia do apóstolo S. Tomé (21 de Dezembro), depois de passar por Tortona e ao fim de uma jornada por montes e serras onde os castanheiros abundavam e davam o principal sustento para pessoas e bestas. Alojou-se com todos os seus familiares no convento dominicano de Santa Maria do Castelo até ao dia de Natal. Por ordem do Senado da República de Génova foi-lhe mostrado «o prato em que Christo Senhor nosso comeu o cordeiro Pascoal na ultima cea, segundo he tradição». Era uma peça «de preço inestimavel pelo serviço em que servio e pola materia, que he fina esmeralda, e como tal se guarda na Sè fechado com doze chaves que estão em poder d'outros tãos cidadãos principaes». «He aberto e largo e vai diminuindo e estreitando no pè, faz seis divisões ou cãtos de oitavado e tem duas azas e é boa estimativa serà capaz de mais de meyo alqueire de trigo. Esta riquissima joya he tradição que foy d'el-Rey Salamão»⁵³.

A viagem para Nice foi a etapa seguinte em que se gastaram quatro jornadas, sendo as três primeiras efectuadas por mar, em bergantins, «não sem perigo e com muito enjoamento». Foram, por isso, obrigados a fazer a última jornada por terra. Acompanharam D. Frei Bartolomeu o embaixador D. Fernando Martins e o bispo de Leiria. Já era o princípio do ano de 1564. Aí foram visitar o Duque de Saboia. D. Frei Bartolomeu dos Mártires teve o «cuydado de fazer officio de piedade e de bom Portuguez, visitando com hum responso» a sepultura da Infanta de Portugal, D. Beatriz, mãe do duque de

⁵¹ É mais um testemunho que marca bem o entusiasmo que o Arcebispo de Braga tinha pelas relíquias. Não se limitou a visitar as que lhe ficavam no caminho, pois os desvios não eram obstáculo às visitas.

⁵² *Vida*, 103.

⁵³ *Vida*, 103. No *Itinerarium* esta peça está descrita reproduzindo provavelmente a descrição feita pelo próprio D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Uma passagem desse texto diz que não era «incrível que o Senhor tenha comido na cea aquele cordeiro assado em travessa tão preciosa».

Saboia⁵⁴. Mostrava, assim, não só as qualidades de um bom cristão, mas também as obrigações que competiriam a um bom diplomata e português com responsabilidades, que o arcebispo de Braga naquela oportunidade deveria assumir.

Entrou a comitiva portuguesa em França por Antibio, Frèjus e Holuco, terras da Provença. Passou em seguida a S. Maximine. Aí pousou Frei Bartolomeu dos Mártires num mosteiro, da ordem, de grande prestígio em França. Advinha-lhe esse prestígio da «preciosa reliquia que em si tem do corpo da gloriosa Madalena que neste lugar veyo dar a alma ao Criador, sendo ainda vivo e presente a seu felice transito S. Maximino de quem a cidade tomou o nome». Numa capela subterrânea, quase a meio da igreja, estava guardada «com muyta veneração e recado a cabeça da gloriosa Santa». Esta relíquia foi mostrada ao arcebispo com outras relíquias mais. Estava a cabeça encastoadada «em um grande meyo corpo de prata. E sendo já pura caveira e seca, ainda hoje conserva na testa sobre a sobrancelha do olho esquerdo tanta carne tostada já e denegrada da antiguidade, quanta he tradição que tocãrão os dous dedos de Christo quando lhe apareceo ressuscitado e lhe disse: *Noli me tangere*». Notaram ser a caveira muyto mayor que as ordinarias dos homens d'agora. Fazendo essa comparação e constatando também a dimensão «de uma cana do braço, que também se mostra», concluíram que o corpo devia ser «bem agigantado». Dizia-se que os restantes ossos de Santa Madalena estavam numa caixa de prata colocada no vão do altar-mor⁵⁵.

Naquela mesma capela o arcebispo teve ocasião de ver o túmulo do patrono da cidade, S. Maximino, que era um dos setenta e dois discípulos que com Maria Madalena e Martha veio de Jerusalém⁵⁶ e foi Bispo de Aix, localidade a seis léguas de S. Maximino, viu «o corpo do cego Sidonio, cego de nascimento a quem Christo deu vista»⁵⁷ e também o corpo de Santa Marcella, criada de Santa Martha. Foi-lhe também dado ver o corpo de Santa Susana que Jesus Cristo havia curado «de huma aleijão tal das costas que se não endireitava». Todas essas relíquias estavam em sepulturas próprias, mas, para consolação dos fiéis, tinham deixado de fora «as cabeças em seus relicarios de prata, ao modo que està o da Madalena, e se mostrão aos devotos»⁵⁸.

⁵⁴ *Vida*, 103.

⁵⁵ *Vida*, 103/v.

⁵⁶ A *Vida* diz-nos que S. Maximino «foi lançado de Jerusalém vindo parar a estas partes com suas santas irmãs Maria e Marta».

⁵⁷ No *Itinerarium* não consta o nome desse miraculado. Aí lê-se: «a cabeça do cego nacido que Christo iluminou».

⁵⁸ *Vida*, 103/v.

Vistas estas relíquias, mostraram os religiosos ao arcebispo duas âmbulas, uma de cristal, redonda e lisa, «em que se vê huma grande madexa de cabellos muyto louros e grossos e, ao que se pôde julgar, bem compridos, porque estão retorcidos e com voltas dadas, como se faz às madexas de fio d'ouro» mas não se diz a quem tinham pertencido; a outra era pequena e de vidro grosso e parecia estar «cheya atè o meyo de huma terra de cor entre parda e cinzenta, e como de vasa de rio». Esta terra fora a que Santa Madalena colhera «ao pè da Cruz, banhada e envolta no preciosissimo sangue do Redentor, e por tal està venerada, com prova de eifeitos milagrosos. Porque todos os annos, infalivelmente no dia de sesta-feyra da semana santa, tanto que começa o offício da Payxão, começa esta terra a ferver em movimento continuo e à vista de todos se mostra ser verdadeiro sangue. Acabado o Offício, acaba juntamente o fervor e ficando em quietação fica também com sua primeira cor»⁵⁹. Estas informações dadas pelos religiosos confirmavam a que o arcebispo já tinha ouvido alguns anos antes da boca do dominicano Mestre frei Jorge de Santiago, Inquisidor de Lisboa e depois Bispo dos Açores «o qual indo para o Concilio quando a primeira vez se começou, que foi no ano de 1545, se achou nesta casa por tal dia e viu por seus olhos o milagre»⁶⁰.

A três léguas daquele mosteiro ficava um mosteirinho dominicano «na lapa e na montanha onde a Santa esteve trinta anos fazendo penitência». Esse mosteirinho faz grande devoção aos que «visitam a santa lapa, mas D. Frei Bartolomeu dos Mártires não o visitou «porque lho estorvou o rigor do inverno com força de neve que cobria tudo e juntamente a pressa que traziam o embaixador e mais companheiros cuja companhia não podia largar por terras tão perigosas»⁶¹. Naturalmente que era melhor para todos caminharem integrados num grupo grande. Por isso o arcebispo de Braga não pôde venerar como gostaria aquele lugar santo.

Depois de uma noite passada em Aix chegaram em dia de Reis a Avinhão, onde foram convidados de Fabrício, parente do Papa. Seguiu-se a jornada para Nimes. Essa jornada fez-se pelo Languedoc e nela tiveram ocasião de encontrar um governador católico «que tinha a terra amansada». Até poucos dias antes, essa terra havia sido um dos principais centros de herejes, assim como Montpellier. O prelado bracarense e o bispo de Leiria podiam regozijar-se, pois eram os primeiros prelados que por ali passavam em paz, mandara-lhes dizer o governador. Em Montpellier, aonde dormiram depois de Nimes e de almoçarem em Lunel, havia ainda muitos pregadores luteranos bem como marcas da acção destruidora dos hereges. A atestar que esta cidade fora «a mais

⁵⁹ *Vida*, 103/v-104.

⁶⁰ *Vida*, 104.

⁶¹ *Vida*, 104.

corrupta que ouve em França» estava o insígne mosteiro da ordem destruído. Essas três cidades estavam «pouco melhoradas no estado da Fé de quando à ida por elas passo» a comitiva bracarense. Ainda se notavam atitudes de grande raiva para com a fé católica. É o que se vê pelas pragas proferidas por uma pobre e esfarrapada mulher quando viu alguns dos elementos da comitiva, com as cabeças descobertas, inclinarem-se a reverenciarem uma grande cruz de mármore que ficara em pé, apesar das destruições feitas pelos hereges. Seguia esse primeiro grupo o P^e Frei Henrique de Távora, companheiro de D. Frei Bartolomeu, e o secretário Pero de Tavares. Vendo esse comportamento da mulher e sem se importarem com a sua raiva, deram mais um inequívoco testemunho de católicos: ao passar pela Cruz viraram-se «com mais devação, inclinandose profundamente e cõ toda a reverencia ao sinal da nossa redenção»⁶².

Jornadas depois fariam a travessia dos Pirineus em direcção a Barcelona. Antes, porém, em Beziers onde pernoitaram, abriam-se duas vias para a entrada em Espanha – uma por S. Sebastian e outra por Barcelona. Optaram por esta via «por fugir mais cedo de França». Desviavam-se, assim, da estrada que levava a S. Sebastian e que haviam seguido à ida para Trento. Pernoitaram em Narbona. O embaixador separou-se da comitiva que acompanhava o arcebispo, optando por ir «polla posta».

A chuva e falta de agasalhos afectaram este percurso de França para Espanha. Também o perigo da peste que atingia Salsas, já em terras de Espanha, impediu a entrada na fortaleza dessa povoação, e tão só transitaram junto dos seus muros. O mesmo ocorrera quando passaram junto a Perpiñan onde a peste alastrava havia já quatro anos. A juntar aos perigos provocados pelas águas das chuvas e aos riscos de contágio pela peste, acrescentava-se por estas jornadas o perigo dos assaltos dos bandoleiros e os medos causados pelos luteranos, pois também na Catalunha, eles constituíam uma ameaça. Quatro tipos de dificuldades que D. Frei Bartolomeu dos Mártires e a sua comitiva tiveram de enfrentar – intempéries, epidemias de peste, ataques de hereges e assaltos de bandoleiros.

Passados os Pirinéus pelo passo de Portus chegaram a Girona e aí pernoitaram. Na visita à Sé apreciaram na capela-mor um retábulo «todo de prata e insigne pola obra não menos que pola materia; o Altar em roda chapeado de laminas de prata e ornado de figuras de prata e ouro». Destacava-se ainda «huma copa d'ouro de alto pee, por onde bebia Carlos Magno e lha deixou, que escassamente podia eu com ella, e outras peças muito ricas»⁶³. Não eram

⁶² *Vida*, 8.

⁶³ Informações contidas respectivamente na *Vida*, 105/v, e no *Itinerarium*. Na primeira fonte lê-se que o Arcebispo diz em «huma relação q temos de sua mão de toda esta jornada, que a teve nas mãos, e escassamente podia com ella. São palavras suas».

propriamente relíquias mas eram partes do templo e peças de muita estima, valiosas, antigas e de grande beleza que serviam e adornavam um espaço de culto e/ou testemunhavam a dedicação de fiéis para com aquele templo, naturalmente pelos actos devocionais que nele tinham lugar. Eram, por isso, motivo de apreço e admiração para D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

Em véspera de S. Sebastião chegaram a Barcelona, depois de percorrerem 8 léguas acompanhados, pelo receio dos ataques dos bandoleiros.

Passados dias, após dormirem em Marturel, chegaram bem cedo à «maravilhosa montanha»⁶⁴ de Nossa Senhora de Monserrate. A igreja é pequena, «de obra antiga mas muyto devota e cheya de huma certa magestade que faz recolher o entendimento e obriga a atenção». Tinha pouca luz natural e por isso precisava de um grande número de «alampadas de prata» que ardiam diante da imagem de Nossa Senhora. Do tecto pendiam lanternas e as paredes em redor estavam «tomadas» de grandes círios de cera. Eram tantos e tão grandes que se afirmava pesarem cem arrobas de cera. Entre as «alampadas» e os círios abundavam pedaços de objectos de navegar e retratos de naus, tudo ofertas de naufragos e cativos, e outras lembranças oferecidas por outros devotos. Todos eles tinham alcançado remédio para as suas necessidades «por meyo desta Senhora». A imagem era pequena e morena, mas nessa cor e tamanho tinha uma «gravidade e hum peso que move muyto em lhe pondo os olhos e faz devação»⁶⁵.

Todas essas peças eram memórias que de algum modo se assemelhavam a relíquias e que, por isso provocavam também recolhimento e elevação espiritual. Nessa paisagem transportou-se Frei Bartolomeu dos Mártires aos «montes da eternidade» e considerando ditosos os monges de S. Bento que na igreja e no convento, no alto, «bem alevantados do mundo», viviam solitários em total observância e com menos passos para alcançar o céu. Se em Barcelona o arcebispo dera algum descanso ao corpo, em Monserrate quis dar alívio ao espírito. Aí permaneceu alguns dias, visitou também as treze ermidas no «supremo cume de toda a montanha». Cada uma das ermidas tinha uma igrejainha «mui bem concertada e mui bom aposento para o hermitão»⁶⁶. Estes lugares de piedade mereceram de Frei Bartolomeu essas palavras de apreço. O contacto com a natureza e o sossego e recolhimento que as ermidas proporcionavam eram vias de elevação do espírito que Frei Bartolomeu não podia deixar de sentir e de manifestar uma vez mais nos apontamentos do *Itinerarium*.

A viagem prosseguiu a caminho de Zaragoza. Em Cerveira visitou

⁶⁴ Expressão que aparece no *Itinerarium*. Na *Vida está* «devotíssima casa».

⁶⁵ *Vida*, 106.

⁶⁶ Esta Na *Vida* lê-se que todas elas eram «mui bem ornadas e com bom aposento em cada uma para os ermitães».

a cela em que morara S. Vicente Ferrer e onde S. Francisco lhe aparecera.

Já em Belpuche, o arcebispo de Braga encontrou-se com o rei de Espanha, Filipe II, e aproveitou para lhe falar «sobre a execução das cousas do Concílio e sobre outras cousas. E a tudo me respondeu discretamente e zelosamente», comentou nos seus escritos D. Frei Bartolomeu dos Mártires a propósito deste encontro com o monarca.

A cidade de Lérida consta também do itinerário, o qual pouco depois iria ser traçado por terras de Aragão. No caminho comeu em Fraga, antes de se alojar em Cadasnos. No dia seguinte foi dormir a Burjelalos depois de atravessar uma zona perigosa de bandoleiros. La Puebla foi a povoação onde pousou no dia seguinte.

Chegou a Zaragoza no primeiro dia de Fevereiro e alojou-se no convento da ordem de S. Domingos que aí havia. Não se sabe, diz o biógrafo, se aí chegou só e usou da mesma forma que à ida para o Concílio, ou se foi com toda a comitiva. Mas presumivelmente vinha ainda acompanhado do bispo de Leiria e com os mais padres com que partiu de Trento, pois, «no itinerário que temos da mão do arcebispo fazendo menção de como se apartou do Embaixador», não faz qualquer referência a apartamento de qualquer outro companheiro⁶⁷. Além disso era mais seguro «fazerem corpo como em cafila respeito dos ereges por França e dos vandoleiros por Catalunha e Aragão». Somente ao entrar nas povoações convinha apartarem-se para mais facilmente se poderem «aposentar com mais cõmodidade». Alojou-se no excelente convento da ordem de S. Domingos⁶⁸.

Nesta cidade teve oportunidade de fazer a 17ª etapa de visitas a relíquias, tal como o *Itinerarium* nos informa. Nela estavam as «antigas e insigníssimas Igrejas», a saber de St.^a Maria del Pilar, tida como a mais antiga de Espanha, e onde está a coluna sobre a qual, é tradição, Nossa Senhora apareceu ao apóstolo Santiago. Também nela se encontra o altar em que alegadamente o santo celebrou. Outra importante igreja é a de Santa Engrácia, santa portuguesa, «filha do Conde de Portugal», «Senhor da Lusitânia», a qual em tempo de Diocleciano, vindo ter a Zaragoza com dezoito cavaleiros que a acompanhavam para ir a França ter com o noivo que lhe haviam destinado, foi cruelmente martirizada por Daciano, «Presidente das Espanhas», com seus companheiros. Então, nessa cidade, aliás como em toda a Espanha, eram «grandes as marcas dos estragos que nos Cristãos» haviam feito os romanos. Engrácia aproveitou esta oportunidade de passar em Zaragoza, fingindo aceitar o casamento, para conseguir o martírio que desejava. Nesta igreja havia uma

⁶⁷ Esta passagem da *Vida* reforça da ideia do papel da mão do arcebispo no texto que nos chegou do *Itinerarium*.

⁶⁸ *Vida*, 108/v.

outra subterrânea com devotíssimos sepulcros de muitos mártires, «alumiados com muytas alampadas continuas, e como tudo he Santo causaõ maravilhosa impressã nos animos dos que decem abaixo». Isso porque, além «das santas antigualhas», também as catacumbas estavam «mui veneradas». Essas duas igrejas estavam «à conta de Religiosos de São Ieronimo»⁶⁹.

Dias depois, em dia de Santa Apolónia, chegou a Calahora, terra natal de S. Domingos. Embora não houvesse aí mosteiro da ordem, o cura da povoação era, por então, um padre dominicano. Mas havia um mosteiro de freiras. Para ver esse «bemaventurado lugar» D. Frei Bartolomeu dos Mártires fez-se acompanhar por um companheiro. Calahora estava cheia de recordações de S. Domingos: a igreja da paróquia de S. Sebastião onde fora baptizado; uma igreja construída no local onde estiveram as casas que foram dos pais de S. Domingos, com uma capela no local onde o Santo nascera, e com a pia baptismal em que S. Domingos fora baptizado colocada do lado esquerdo da capela-mor.

Em Penafiel o arcebispo pode ver, no lado esquerdo da capela-mor da igreja do convento dominicano onde pernitoiu, a sepultura onde se encontrava o corpo da mãe de S. Domingos.

Em Medina del Campo permaneceu uns dias num convento da ordem, enquanto se fazia vestuário apropriado à época quaresmal que se aproximava. Ali esteve até quarta-feira de Cinza. Percorridas várias jornadas mais, em 23 de Fevereiro de 1564 entrou por Freixo-de-Espada-à-Cinta no arcebispado de que era titular. A 27 desse mesmo mês estava já na Sé Primaz de Braga. Aí podia outrossim venerar relíquias, de entre as quais as de S. Pedro de Rates, lendário primeiro prelado bracarense e alegadamente também discípulo do Apóstolo Santiago⁷⁰.

Maria de Fátima Castro

Abstract:

In the voyages which the venerable Frei Bartolomeu dos Mártires made in order to take part in the Council of Trent and in all those made in between, he had the opportunity to visit many relics either kept enclosed or/and exhibited for the worship of the faithful in many local churches and monasteries of the places he happened to go across or where he had gone on purpose. In the course of his conversations with other clergymen there were also some references to further relics found in other places away from his usual itinerary. All of those relics are listed in this work.

⁶⁹ *Vida*, 109/v.

⁷⁰ No relatório elaborado por D. José de Bragança, arcebispo de Braga, para dar conta ao Papa da situação religiosa do arcebispado que verificou pelas visitas que fez e das primeiras medidas que adoptou para começar a remediar os males que nele encontrou, também se encontram inventariadas as relíquias que se veneravam na Sé Primaz. Algumas delas eram já do tempo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, a começar pelas do lendário S. Pedro de Rates, tido como primeiro prelado bracarense. Outras foram colocadas na Sé em tempos posteriores. Cf. A D B - *Colecção Cronológica*, ms 2634.